

223

CANTOS GUERREIROS INDIGENAS

POR

E. A. M.

Sempre as religiões e as nacionalidades têm recorrido ao canto coral para fortalecer a unidade de doutrina, e por isso, também os cânticos guerreiros foram sempre um valioso recurso para acrescentar o valor das tropas, exaltando a dedicação até aos maiores sacrifícios.

Na instrução militar o canto coral é conveniente para as marchas, exercícios de ginástica e sugestionar a fé patriótica, desde o hino nacional até às canções apropriadas às condições militares, estando essa instrução muito desenvolvida nas nações mais adiantadas.

Entre nós, na metrópole, foi em 1912 que se começou a exigir o canto coral na recruta e nas escolas de repetição. Anteriormente, o hino da monarquia, se tinha uma música apreciável, a sua letra era detestável, e quasi todos os versos rimavam com constituição, pelo que a letra era ignorada de todo. Também nesta colónia o assunto tem sido estudado e contém alguns aspectos interessantes.

Em Moçambique, depois da pacificação do sul da Colónia, ficaram alguns prisioneiros no Chibuto. Esses vátuas possuíam uma nobreza inata, sendo belos exemplares humanos, andavam nus com o maior orgulho e eram respeitados pelos outros indígenas. Elegantes, vigorosos e ágeis, os seus batuques de guerra impressionavam, pelo que os militares e missionários procuravam investigar os seus cânticos guerreiros, dos quais o mais notável era o «incuaia», que, diziam eles, sómente se entoava em ocasiões solenes e com licença do Gungunhana.

Era um cântico de aparência agressiva e soturna a que dava realce a vestimenta dos indígenas, o armamento e o movimento de marcha, com os gestos violentos do combate.

Os dois missionários que estavam no Chibuto e os militares numerosos que então, ali se encontravam no antigo distrito militar, procuravam investigar a letra do canto, mas não se conse-

Notice:
This material may be protected
Copyright Law (Title 17, U.S.C.)

guia obter mais do que meia dúzia de palavras correspondentes à ideia de incitamento à guerra para conseguir o saque e as mulheres.

A letra dêsse canto indígena limitava-se a:

Chefe! Vamos à guerra, temos fome!

Ou:

Leão! Vamos à guerra, queremos mulheres!

Outro:

Leopardo! Vamos à guerra, queremos ser homens e não galinhas!

A música, que era cadenciada pelos passos, para a frente e para trás, mal passava de rancos e assobios, só os chefes é que cantavam, e os outros faziam côro repetindo as palavras.

O Padre H. Junod, na «Vida de uma Tribo Sul-Africana», tradução de Carlos Bivar, 1917, a páginas 410 traz alguns cantos de guerra com a grafia inglesa e conforme os modelos zulos.

Os ingleses escrevem «Inkuaya» e atribuem a origem do canto aos zulos, mais civilizados então que os vátuas. Dizem os missionários ingleses que êsse canto também se applicava à agricultura, festejando as colheitas.

Contudo, os cantos dos vátuas eram improvisados; limitavam-se a assuntos de guerra ou de mulheres, e para evitar desordens os chefes não permitiam que os batuques incluíssem mulheres, estas só os espreitavam de longe.

Aires de Ornelas, no seu livro «Raças e Costumes», cita algumas palavras de batuque, mas de que hoje não se obtém significação. Semelhantemente, Gomes da Costa também refere algumas palavras, hoje, porém, ininteligíveis.

Há cinco anos que vêm sendo feitas investigações sobre cantos guerreiros dos indígenas do sul da Colónia, tendo sido encarregado o sr. tenente Mário Costa, oficial que já se distinguia como investigador infatigável, de coligir os elementos que porventura se encontrassem.

Foram convocados bastantes indígenas dos arredores de Lourenço Marques e com a assistência do sr. capitão Tomaz Jorge, chefe da banda do Quartel General, procurando-se coligir algumas palavras ou música do «incuaia», mas nada se conseguiu de positivo, podendo afirmar-se que os indígenas do sul da Colónia não têm «folk-lore».

Todavia, vemos na monografia da 5.^a companhia indígena, um cabo indígena louvado pelos actos de valor e referência aos cantos guerreiros, depois de combate. Também no «Livro de Ouro da Infantaria», se encontra uma referência aos cantos guerreiros da 17.^a companhia indígena, na campanha do Niassa em 1916. Alguma verdade existe nestas citações, mas não se pode generalizar, devendo antes atribuirem-se êsses cantos a indígenas

mais d
que re
Hoj
cântico
cipalme
1.^a bati
ção do
O s
com o
«canto
sucesso
Tomaz
Essa
unidade
siação d
tam bril
A ca
apropria
ainda re
embarcar
Para
dessa ca

mais desembaraçados, que os improvisavam, sugestionando outros que repetiam algumas palavras em côro.

Hoje, nas unidades militares da Colônia afirma-se que os cânticos indígenas se limitam aos ensinados nas missões, principalmente nas missões protestantes, como se tem verificado na 1.ª bateria indígena de metralhadoras, que recruta na circunscrição dos Muchopes.

O sr. tenente Mário Costa, que pertencia a essa unidade, com o fim de remediar a falta dum cântico militar, compôs um «canto do soldado indígena de Moçambique», que tem tido sucesso e se liga bem com a música composta pelo sr. capitão Tomaz Jorge.

Essa canção é apresentada em orfeão em todas as festas das unidades indígenas de Lourenço Marques e foi cantada na Exposição de Paris pelas praças indígenas da 10.ª companhia, que tam brilhantemente se portaram nessa exposição.

A canção do soldado de Moçambique tem uma letra muito apropriada, correspondendo à maneira de falar dos indígenas, e ainda recentemente foi cantada pelos soldados indígenas que embarcaram numa expedição para Macau.

Para ficar registada nestas páginas, transcrevemos a letra dessa canção:

CANÇÃO DO SOLDADO DE MOÇAMBIQUE

Levanta a cabeça, soldado africano!
Esquece a palhota, apaga-a da mente!
Depressa dois anos... Depois mais um ano...
Sentido! Firme! Olhar bem em frente.

Cuidado! Cuidado!
Vamos lá a ver
quem é bom soldado,
soldado a valer!

É má a estrada e é grande o calor,
e os pés do soldado batendo bem certo
ao som da corneta, seguindo o tambor,
conseguem tornar o longe mais perto!

Que belos soldados,
que certos que vão!
Que bem ensinados
que eles estão!

Soldadinho preto, português também.
E é Moçambique também Portugal;
porque esta bandeira que ele cá tem,
é como a bandeira de lá, toda igual!

E quando na terra
vivendo por lá,
o chamem à guerra
nenhum faltará!

Mais recentemente, numa festa promovida pelas praças do Esquadrão de Dragões, tivemos ocasião de observar uma revelação muito feliz sobre este assunto, no «Solidó dos soldados», versos relativamente apreciáveis, mas, sobretudo, uma música sincera e sugestiva para a marcha, parecendo maravilhosamente assimilável para pessoas incultas.

Essa música é de autoria de Frederico de Freitas, escrita para solidó do «Timpanas» da «Severa», de Júlio Dantas, sendo os versos arrançados do livro de Correia de Oliveira, «Soldado que vais à guerra», e que se transcrevem:

Soldado que vais á guerra,
Põe os olhos na bandeira;
Põe os olhos na bandeira,
— Oh meu soldado.

Põe os olhos na bandeira,
Nela está a Pátria inteira;
Nela está a Pátria inteira,
— Oh meu soldado.

Assim como lá na terra;
Assim como lá na terra,
Aqui todos são irmãos,
Camaradas são irmãos.

Soldado que vais á guerra,
Põe os olhos na bandeira;
Nela está a Pátria inteira,
— Oh meu soldado.

Andava-se à procura de uma música simples e adaptável à marcha, com canto coral, na instrução de gymnástica para os recrutas indígenas, e parece que esta marcha satisfaz plenamente.

A aplicação já se está fazendo em canto coral, durante as marchas da gymnástica dos recrutas indígenas, esperando-se bons resultados destas experiências. E repetimos, afirmando:

Se porventura se conseguir uma marcha em boas condições, seria um grande passo na educação nacionalizadora do indígena da Colónia, adoptando-se uma canção militar em português.

Para c
a seguir :
cinto rela
Sendo
o objectiv
desenvolv
fações pr
tutos lhe
despropor
centrando
e em rea

Desta
Direcção
ção do p
data da su
ros, no in
miação.

A pub
vindo ins
nossos co
a tais em
pria execu
Num p
lho, a red
da nossa
deixam. liv
ou ao não
são pesso
poderiam,
valioso su

ILL/PRDD ILL LON NYC689-11754
FIN ALE - Record 1 of 1 - Record updated today

Status check
From NYC6 (carole) to ILNG

Sociedade de Estudos de Mo_cambique.
Boletim. -- Louren_co Marques.
-- vol.1#6 1932/pgs.43-46
M.E.A. "cantos guerreiros indigenas"

Borrower: Interlibrary Loans Section
Columbia University Libraries
535 West 114th Street
New York, NY 10027

Patron: carvalho
Verified: RLIN ID: ILNGAAL8004-S
Call: (ILNG) (AFRI) \LLS\967.9\5678b
LCCN: 5440223
ID: NYC689-11754 L/C: C CR: CCL PST: 6

This material may be protected by
Copyright Law (Title 17 U.S. Code)

NOTICE:

bill
carole
ILL
ILNG ILL

607.9
5678b
carole

Howen
Lee C!
Storaker

07:02pt 05-08-89